

‘Vitória do populismo será o seu suicídio

A vitória de um candidato populista no Brasil constituiria um verdadeiro suicídio para o próprio populismo, o caminho mais curto para uma política antipopulista e o mais rápido para uma orientação extremamente liberal e conservadora. Essa é a opinião do sociólogo Alain Touraine, um dos maiores especialistas franceses em assuntos latino-americanos. Ele identifica como candidaturas populistas não apenas a de Leonel Brizola, mas também as de Fernando Collor de Mello e Sílvio Santos, homens que imaginam que a solução para os problemas pode ser detectada numa forma ultrapassada de utilizar o poder do Estado para atender as demandas mais urgentes da população.

Hoje, no Brasil e no resto da América Latina, o Estado está falido, sem condições de cumprir essa tarefa. O exemplo mais recente é o da Argentina, onde o candidato populista, depois de eleito, pratica uma política ultraliberal. O sociólogo está também

convencido de que se o Brasil entrar na espiral populista as coisas poderão ser ainda mais dramáticas do que em outros países, em razão de seu alto nível de desigualdade social: “O elemento mais negativo é que o Brasil tem hoje um Estado falido, em que ninguém paga impostos e a corrupção se desenvolve rapidamente. A capacidade de governar diminuiu muito, enquanto aumentou no México, onde chegou a ser muito menor do que a do Brasil”.

Sua idéia central é que não há solução populista válida, apesar da grande demanda de populismo diante da profunda crise que o País atravessa. O Brasil, mais que outros países do continente, poderá escapar dessa “catástrofe” por possuir uma estrutura econômica mais sólida, como atestam suas exportações, sua produção e mesmo o grau atual de sindicalização. Mas para que isso aconteça é preciso que demonstre capacidade de reintegrar e rees-

truturar a sociedade, isto é, reduzir os desequilíbrios sociais.

A tendência atual, pelo que Alain Touraine está observando, é que poderemos ter no dia 15 um voto contra São Paulo, ou seja, contra o modelo de modernidade paulista que incorporava uma fraca parcela da população. Isso se evidencia pelo malogro espetacular do PMDB, que está reduzido a quase nada. Esse partido, que identificava a democracia modernizadora está afundando, na sua opinião: “O que quero dizer é que o Brasil moderno é minoritário. Constatamos hoje uma tendência ao populismo, mas toda solução populista só funciona quando o Estado tem dinheiro no bolso, o que não é o caso atual”. A Argentina atendeu à demanda de populismo e a política do novo governo se traduz pelo recuo da renda popular. A situação brasileira, segundo Touraine, aproxima-se desse modelo, mas ainda há tempo de evitá-la.

Reali Jr., de Paris/AE